



A ESTRUTURA DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE CAXIAS DO SUL-RS DE 1937 E 1945¹

Paula Cristina Mincato Roso – UCS

O recinto onde funciona a Escola se destina a abrigar os alunos durante o período de aulas e, nessa função, transforma-se num verdadeiro Templo.- A sala da Escola é, por isso, um lugar que merece todo o respeito e veneração. A professora cônica da magestade de sua missão de plasmar os espíritos juvenis, cabe dar a escola o ambiente necessário, decoroso sem ser solene, alegre sem ser desvirtuado, sadio sem ser rígido.^{2 3}

Resumo: Este artigo trata da estrutura física das escolas municipais de Caxias do Sul-RS durante o período de Governo do Estado Novo. Assim, as discussões versam sobre os ambientes e decoração interna, além das características externas dos prédios escolares. A pesquisa foi construída com base no acervo da educação municipal que se encontra no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami de Caxias do Sul-RS.

Palavras-chave: Ambiente escolar; Educação Municipal Primária.

Introdução

Conforme as instruções acima citadas, para a Administração Municipal de Caxias do Sul, a Escola deveria ser em um ‘verdadeiro Templo’. Mas o que seria um ‘verdadeiro Templo’, naquele tempo? Talvez, os professores deveriam agir como sacerdotes ou pastores, os alunos seriam os fiéis, as carteiras se tornariam os bancos de oração, e o altar seria o sagrado espaço do professor com seu quadro negro?

Partindo dessas questões, sugerimos a seguinte questão norteadora para este estudo: Quais eram os materiais e as estruturas físicas das escolas municipais de Caxias do Sul – RS no período entre 1937 e 1945?

¹ Este texto está relacionado à pesquisa da dissertação: “A Educação do Corpo nas Escolas Municipais de Caxias do Sul-RS (1937 a 1945)”.

² Circular nº 03, de 4 de julho de 1941. As Circulares eram uma maneira de comunicação da Administração Municipal com as Escolas Municipais, elas contêm instruções ao professorado municipal da época. Disponível para consulta no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA).

³ Nos documentos citados, será mantida a ortografia da época.

Assim, buscamos trabalhar com um número diferenciado de fontes, para uma possível aproximação da realidade da época, na perspectiva da história cultural. Os documentos pesquisados fazem parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), órgão vinculado a Prefeitura Municipal e responsável por arquivar a história da cidade de Caxias do Sul-RS.

Por tratar das características organizacionais escolares, partimos da classificação sugerida por António Nóvoa, na grande área da “Estrutura Física da Escola: dimensão da escola, recursos materiais, número de turmas, edifício escolar, organização dos espaços, etc.” (NÓVOA, 1995, p.25). Assim, para um melhor desenvolvimento do estudo, o texto estará organizado em cinco momentos. Inicia com uma breve contextualização, seguida por informações e considerações relativas ao espaço físico no interior das unidades escolares, passando então para os materiais existentes nas instituições, para o espaço físico externo e, por fim, para as considerações finais.

As Escolas Municipais de Caxias do Sul

A cidade de Caxias do Sul, quando emancipada, em 1º de julho de 1910, do município de São Sebastião do Caí, chamava-se somente Caxias (HERÉDIA, 1997). Caxias por estar inserida na região serrana do Rio Grande do Sul apresentava aspectos desfavoráveis para com a industrialização, o que levou inicialmente a um maior desenvolvimento das atividades agrícolas. Com isso, a maior parte da população do município estava inserida na zona rural, como é possível verificar através da tabela abaixo:

Tabela 1. Dados Referentes à população no Município de *Caxias* (1938)

<i>Caxias (sede)</i>	<i>11.870</i>
<i>Caxias (zona rural)</i>	<i>11.493</i>
<i>S. Marcos (sede) 2º Districto</i>	<i>450</i>
<i>S. Marcos (zona rural)</i>	<i>3.627</i>
<i>Gallopolis (sede) 3º Districto</i>	<i>860</i>
<i>Gallopolis (zona rural)</i>	<i>1.900</i>
<i>Anna Rech (sede) 4º Districto</i>	<i>260</i>

<i>Anna Rech (zona rural)</i>	<i>1.767</i>
-------------------------------	--------------

Fonte: Folha avulsa com os dados populacionais do município de Caxias. Disponível para consulta no AHMJSA.

No ano de 1938, o total de habitantes da sede de Caxias e dos Distritos eram 13.440 pessoas e os habitantes da zona rural somavam 18.787. Fato que justifica o motivo pelo qual as escolas municipais estarem inseridas principalmente no ambiente rural. Sendo que, foi somente a partir de 1945 que as escolas da rede municipal de ensino passaram a ser instaladas na zona urbana da cidade (DALLA VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 1998).

As escolas municipais, além de estarem localizadas principalmente na zona rural, eram primárias com ensino dividido em quatro anos. Na maior parte das escolas havia somente um professor, salvo os grupos escolares e uma ou outra escola com um maior número de alunos. Além disso, as escolas eram mistas quanto ao gênero dos alunos e grande parte dos professores trabalhava com todas as classes em uma mesma sala. Também é possível caracterizar a predominância feminina, mas não exclusividade, de docentes nas unidades escolares. Outro aspecto que é muito oportuno observar está relacionado à religião dos alunos, onde a maior parte das crianças era de religião católica.

Na tabela abaixo, temos a quantidade de escolas do município a partir de 1939.

Tabela 2 – Estatística educacional do Município de Caxias do Sul (1939 a 1945)

<i>Ano</i>	<i>Estabelecimentos de Ensino</i>			<i>Corpo Docente</i>			<i>Matrículas Efetivas</i>		
	<i>Estadual</i>	<i>Municipal</i>	<i>Particular</i>	<i>Estadual</i>	<i>Municipal</i>	<i>Particular</i>	<i>Estadual</i>	<i>Municipal</i>	<i>Particular</i>
<i>1939</i>	<i>14</i>	<i>13</i>	<i>64</i>	<i>66</i>	<i>20</i>	<i>92</i>	<i>1.858</i>	<i>678</i>	<i>3.048</i>
<i>1940</i>	<i>13</i>	<i>52</i>	<i>28</i>	<i>73</i>	<i>62</i>	<i>43</i>	<i>1.793</i>	<i>2.344</i>	<i>1.395</i>
<i>1941</i>	<i>18</i>	<i>50</i>	<i>37</i>	<i>81</i>	<i>60</i>	<i>91</i>	<i>2.075</i>	<i>2.374</i>	<i>2.362</i>
<i>1942</i>	<i>20</i>	<i>64</i>	<i>24</i>	<i>117</i>	<i>73</i>	<i>88</i>	<i>2.337</i>	<i>2.518</i>	<i>1.810</i>

<i>1943</i>	<i>22</i>	<i>76</i>	<i>15</i>	<i>101</i>	<i>87</i>	<i>77</i>	<i>2.233</i>	<i>2.669</i>	<i>1.532</i>
<i>1944</i>	<i>19</i>	<i>77</i>	<i>15</i>	<i>109</i>	<i>86</i>	<i>69</i>	<i>1.916</i>	<i>2.741</i>	<i>1.568</i>
<i>1945</i>	<i>20</i>	<i>86</i>	<i>17</i>	<i>131</i>	<i>94</i>	<i>68</i>	<i>2.135</i>	<i>2.924</i>	<i>1.772</i>

Fonte: Esta tabela faz parte de uma tabela sobre os dados da educação, com base na Diretoria de Estatística Educacional do Estado do Rio Grande do Sul através do documento do IBGE (1950). Documento disponível no AHMJSA.

Analisando a tabela acima, podemos acompanhar que dentre os anos de 1939 até 1945 houve um grande crescimento da quantidade de escolas municipais, chegando a um total de 86 escolas no final do período. Em nossa pesquisa tivemos acesso a todo acervo atual de fontes da educação municipal de Caxias do Sul, porém, temos que ressaltar que muitas fontes já haviam sido extraviadas ao longo do tempo. De todos os estabelecimentos de ensino municipal que atuaram entre os anos de 1937 e 1945, foi possível encontrar no acervo do AHMJSA, 55 escolas com documentação que atestam terem estado em funcionamento neste momento histórico, sendo que em 8 unidades não encontramos documentos do período, mas sim anteriores a esta data. Assim, trabalharemos com o material de 48 escolas, principalmente com Livros de Atas, Livros de Frequência e Circulares, mas cabe ressaltar que nem todas as escolas possuem tais relatos. Assim, apresentamos aqui parte da história escolar de Caxias do Sul, entre 1937 e 1945, ainda não explorada.

O ESPAÇO INTERIOR DAS ESCOLAS

Nas décadas finais do século XIX, a higiene se tornou uma grande preocupação da população, além das casas, restaurantes, instalações sanitárias, o higienismo também penetrou nas escolas (SANT'ANNA, 2011). Assim, as instituições escolares deveriam se adequar às novas tendências higiênicas.

Os higienistas acentuavam sobremaneira o mal causado, às crianças, pelas péssimas instalações escolares. Além disso, expunham o quanto a falta de

espaços e materiais *higienicamente* concebidos era prejudicial à saúde e à aprendizagem dos alunos. (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 24).

De acordo com Faria Filho (2001), no Estado de Minas Gerais, o Higienismo estava presente na alfabetização de crianças.

A busca em educar a postura, em demarcar e controlar claramente os gestos, em criar as condições para um escrever saudável e higiênico, transformando-o em um ato minuciosamente projetado, implicou, também, que os profissionais imbuídos desta nova sensibilidade e imbuídos de uma proposta de racionalização da escola voltassem suas preocupações para os equipamentos escolares, para as carteiras, para a qualidade dos quadros e enfim, para os custos da educação. Assiste-se neste momento, não por acaso, tanto a uma crítica severa à falta e inadequação das instalações e equipamentos escolares, principalmente das escolas isoladas, quanto a uma intensa propaganda dos móveis “importado dos EUA” para as escolas mineiras. (FARIA FILHO, 2001, p. 44).

No Rio Grande do Sul, além dos Estados Unidos, a Suécia, o Uruguai, a Argentina e os estados de São Paulo e Minas Gerais serviram de “referência para os gestores da escola pública primária” (PERES, 2000, p. 111).

As novas ideias para a educação estavam aliadas aos ideais da Escola Nova, na qual a escolas deveria ser planejadas para esta função social e não ser um espaço improvisado. Conforme o que cita Faria Filho; Vidal (2000), Fernando de Azevedo, um dos seguidores dos ideais da Escola Nova, sugeria os seguintes princípios para edificações escolares:

[...] pautavam-se em necessidades pedagógicas (iluminação e ventilação adequadas, sala de jogos, pátios de recreação, instalações sanitárias etc.), estéticas (promoção do gosto pelo belo e pelo artístico), e nacionalizantes (constituição do sentido de brasilidade, pela retomadas de valores arquitetônicos coloniais e pelo culto às nossas tradições). O ambiente, segundo o reformador, deveria ser educativo, ou seja, alegre, aprazível, pitoresco e com paisagem envolvente. (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 28).

Provocados por essas informações, fomos ao encontro de evidências nos documentos do município de Caxias do Sul, que nos fornecessem mais informações voltadas à estrutura das escolas. E foi através das Circulares, enviadas às unidades escolares a partir do ano de 1941 pela Administração Municipal, que conseguimos aprofundar mais este tema. Esses documentos forneciam diversas informações ao professorado, desde a instrução de preenchimento de Livros de Frequência até as Ornamentações em sala de aula.

Assim, através da Circular nº 3, citada no primeiro parágrafo deste artigo, podemos encontrar algumas similaridades com os ideais da Escola Nova. O documento da Administração Municipal de Caxias do Sul instrui aos professores que a escola deve fornecer um ambiente alegre, decoroso e sadio para seus estudantes. E através dos escritos de Fernando de Azevedo podemos registrar alguma semelhança ao ambiente educativo, alegre, aprazível, pitoresco e com paisagem envolvente citado por ele.

Ainda com relação ao ambiente dos centros educativos, temos as instruções da Circular nº 6, de 30 de abril de 1942, na qual instrui para as seguintes normas, com o título de “ORNAMENTAÇÕES IMPRÓPRIAS”: *“Não é próprio enfeitar o teto da aula com bandeirolas e balões de papel de cores. – Nem, tão pouco com excessos de flores naturais nas paredes das salas [...] - O exposto acima, é contra os princípios da estética.”* Uma outra instrução, nesta mesma Circular, porém sob o título “DESENHO E OUTRAS DISCIPLINAS”, assim descreve:

Os trabalhos de desenho, bem como os de outras disciplinas, por exemplo: álbuns de ciências, de história, quadros de higiene, etc., devem ser feitos exclusivamente pelos alunos, apenas orientados pela professora e tendo, sempre, por objetivo, suas finalidades educativas e instrutivas. - Caso contrário, servindo, apenas, para enfeite da sala de aula, não representam nenhum valor para o ensino, pois, não há vantagem e sim, desperdício de tempo. -

Como podemos observar as orientações eram muito diretas, com um cunho autoritário em alguns momentos. Pois, o ambiente escolar ideal representava uma escola alegre com poucas ornamentações, econômica com os materiais, e baseados nos princípios da estética. Com tais instruções, cabe a nós pesquisadores nos aproximarmos à realidade, buscando evidências em documentações das escolas e talvez verificando se essa instrução correspondia às ações do professorado da época.

Como não localizamos plantas baixas ou até mesmo fotos no interior das escolas em estudo no AHMJSA, foi através da análise de atas que conseguimos alcançar algumas informações, a primeira delas se relaciona a quantidade de salas nas unidades escolares. Na maioria das Atas

de Exames Finais é comum a descrição dos trabalhos manuais executados pelos alunos, e que estes se encontravam expostos, como descreve esta Ata⁴ de um Grupo Escolar: “*Numa das salas, onde funciona esta unidade escolar, achava-se exposta uma bela exposição de trabalhos manuais e álbuns de desenho executados pelos alunos durante o ano letivo*”. Em outra Ata, de uma Escola Isolada, encontramos: “*Na sala de aula achavam-se expostos alguns trabalhos manuais.*”⁵, descrição muito semelhante a grande parte das escolas investigadas. Pelas nossas pesquisas, naquele momento histórico a cidade chegou a ter três Grupos Escolares, evidentemente superiores na quantidade de alunos e conseqüentemente de espaços e de docentes. Mas o que queremos salientar nesta informação é que a maior parte das escolas vinculadas ao município eram escolas isoladas, e que através desta evidência, é possível concluir que eram limitadas na sua estrutura interna a uma única sala de aula.

A partir deste indício, surge a dúvida de como estavam mobiliadas estas salas de aula. De acordo com Faria Filho; Vidal (2000, p. 29), os preceitos da Escola Nova orientavam: “Abolidas as carteiras fixas, cadeiras e mesas construam novas maneiras de uso do espaço da sala de aula.” Mas, na Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Rui Barbosa, encontramos uma “*Ata Especial para o Registro do Material Existente no Colégio*”⁶ que descreve: “[...] *10 classes que se acomodam 4 alunos em cada uma. Uma mesa, 2 cadeiras [...]*”. Em uma entrevista a professora Alice Gasperin⁷ ela cita sobre a disposição dos alunos e do mobiliário: “Era misto, mas separados: os alunos de um lado e as meninas de outro lado. Os bancos compridos. Sentava quatro, cinco, seis alunos, conforme o tamanho, né?”. Fato é que as carteiras escolares coletivas deveriam ser abolidas, de acordo com os preceitos da Escola Nova, em virtude da falta de ergonomia que ela possibilitava ao estudante; mas de acordo

⁴ Ata de Exames Finais do Grupo Escolar Municipal São Romédio de 02 de dezembro de 1943. Disponível para consulta no AHMJSA.

⁵ Ata de Exames Finais de 08 de dezembro de 1945 da Escola Municipal Diogo Feijó. Disponível para consulta no AHMJSA.

⁶ Ata do dia 03 de setembro de 1943. Disponível para consulta no AHMJSA.

⁷ A entrevista faz parte do Banco de Memória do AHMJSA.

com as únicas evidências que encontramos este mobiliário ainda era utilizado no período do estudo.

Com relação aos materiais didáticos e de decoração da sala de aula, temos a lista da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Rui Barbosa:

*Um quadro negro, uma bandeira com vidro e moldura.
1 quadro com moldura mas sem vidro do Dr. Julio de Castilhos
1 crucifixo de gesso, 1 pequeno vasilho de flores, sendo de vidro, 1 guardanapo.
1 bandeira de papel e uma tira de cartão com as legendas 'Ama com fé e orgulha a terra em que nasceste'!
5 quadros em cartolinas feitos pelos alunos e dado ao colégio (quadro sobre matérias estudadas como de animais, Descobrimento do Brasil, etc).
2 quadros também em cartolina um o 'Cantinho das novidades' e outro das 'Bóas Ações'
[...]
1 cesta de vime para o lixo.
[...]
O museu e mais o clube agriculo com a plantação.
[...]
Um pequeno quadrinho com vidro dado por uma aluna sendo um lindo passarinho.
1 grande cartaz com a frase Juventude Brasileira (dado pela prefeitura)
[...]*

Aqui encontramos os materiais nacionalizantes descritos por Fernando de Azevedo, como o caso do cartaz da Juventude Brasileira, da bandeira nacional e do quadro com a legenda “Juventude Brasileira”. Na Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Dezenove de Abril, temos a seguinte relação de materiais didáticos e de decoração:

*[...]
1 mesa, 1 cadeira, 1 bandeira com vidro e moldura.
2 quadros sôbre os preceitos higiênicos.
1 bandeira de papel com a frase: Ama com fé e orgulho a terra onde nasceu.
3 quadros em cartilha sobre matérias estudadas sendo: quadro de animais, frutos, etc. 2 quadros um com a fotografia do Dr. Getulio Dorneles Vargas e outro com o Dr. Julio de Castilhos
1 quadro negro
Possue o 'Clube agricula o qual ainda não está completa. [...] 1 quadro da Juventude brasileira.⁸*

As duas escolas apresentam suas peculiaridades, uma ata mais detalhada em um ponto do que outra, mas ambas citam os quadros de Júlio de Castilhos, e a última de um quadro de Getúlio Vargas. As duas personalidades apontadas, Júlio de Castilhos e Getúlio Vargas, foram

⁸ “Ata Especial do registro do material que *possue (sic)* a Escola”, de 16 de agosto de 1943. Disponível no AHMISA.

uma grande referência política positivista no Rio Grande do Sul e no Brasil. Segundo uma entrevista realizada por Peres (2000), a uma professora de escola pública da época, a figura de Getúlio Vargas era reverenciada e cultivada nas escolas públicas; de acordo com a entrevistada: “nós não podíamos homenagear pessoas vivas. No colégio não havia nenhum retrato de pessoas vivas. O único era o do Getúlio. (p. 363)”. Assim, se tratava de uma estratégia de propaganda pessoal, mas que estava aliada aos princípios do governo do Estado Novo.

A MATERIALIDADE DA ESCOLA

Ao passearmos pela documentação das escolas municipais em funcionamento durante o período em estudo, nos deparamos com a pequena importância que era dada ao aspecto do registro da materialidade da escola. Se no ano de 1945, o número de escolas da rede municipal chegou a 86, somente encontramos registros de 55 unidades escolares no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), e somente em duas encontramos algo referente ao tema tratado. Essas duas escolas são as mesmas que citamos no item anterior, a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Dezenove de Abril e a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Rui Barbosa. Os materiais que faziam parte da primeira escola citada eram:

2 mapas, um do Rio Grande do Sul e outro do Brasil.
[...]
1 livro de Chamada
1 livro de Matrícula
1 livro de Atas, 1 'Cartilha de higiene'
1 livro de Arquivo das circulares recebidas
[...] 1 regua, [...].
[...].
Continuação
1 livrinho de historia, 3 livros de religião.

Se posto em análise, esta lista de materiais provoca alguma surpresa do leitor, em virtude do pouco material pedagógico disponível para o professor desenvolver um trabalho adequado

com o seu aluno. E tal fato é semelhante à realidade da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Rui Barbosa,

2 mapas um do Rio Grande do Sul e outro do Brasil.

[...]

1 livro de Chamada, 1 livro de matrícula, 1 livro de atas, 1 caderno da Fundação da Caixa Escolar; 1 livro “Cartilha de Higiene”.

[...]

A biblioteca com 6 livros.

[...]

Possue 12 cartonzinhos de trabalhos manuais em alinhavos.

[...]

Possue ainda um arquivo das circulares que foram mandadas.

No que nos cabe avaliar, se realmente estes eram os materiais existentes nas instituições escolares, é possível compreender os inúmeros “votos de louvor” destinados aos professores regentes, que encontramos nas Atas de Exames Finais que eram descritos pela Inspetoria Escolar.

O ESPAÇO EXTERIOR ESCOLAR

Com relação ao espaço exterior da escola podemos fazer a seguinte organização: o prédio, o jardim e o pátio. Neste item utilizamos como fonte de pesquisa, algumas fotos, entrevista e documentos escritos, como Atas e Circulares.

Nos documentos pesquisados, encontramos algumas escolas que foram inauguradas especialmente com a função de instituições escolares, porém não há indícios suficientes que descrevam o prédio. Este é o caso da Escola Municipal São João Batista criada pela Prefeitura Municipal⁹, e inaugurada no dia 17 de junho de 1941. Outro exemplo é o novo prédio da Escola Municipal Isolada Felipe dos Santos, na qual a Ata¹⁰ cita que o prédio foi construído “*todo em alvenaria*”. Outra observação oportuna que está registrada no documento é que foi “*construído pelos moradores do lugar, em colaboração com a Municipalidade, que a dotou de todo o material necessário para o seu funcionamento.*”

⁹ Documentação encontrada no Livro de Atas desta escola. Disponível no AHMJSa.

¹⁰ Ata de 30 de abril de 1944. Disponível no AHMJSa.

Como exemplo dos Grupos Escolares, temos a inauguração do prédio¹¹ do Grupo Escolar Municipal Nossa Senhora do Pedancino em 1943. No mesmo ano, também encontramos uma Ata de 14 de junho, do Grupo Escolar Municipal São Romédio, sobre “[...] a inauguração das novas dependências do prédio [...] oferecido pela municipalidade”¹². Em seguida, cita o protocolo da inauguração, porém não nos apresenta evidências da sua estrutura. Os documentos citados anteriormente tratam de dois Grupos Escolares, que de acordo com Bencostta (2005), recebiam “[...] destaque na cena urbana, de modo que se tornasse visível, enquanto signo de um ideal republicano, uma gramática discursiva arquitetônica que enaltecia o novo regime” (p. 97).

O que diferencia o Grupo Escolar Municipal São Romédio, mais tarde chamado de Grupo Escolar Municipal Carlos Gomes, das demais escolas citadas são as fotos disponíveis no AHMJSa, da década de 1940. Ao observarmos a imagem abaixo, observamos um prédio em madeira, com três janelas e uma porta em uma pequena área de circulação ou entrada. Em frente da escola estão os alunos e duas professoras, por se tratar de uma comemoração cívica temos o mastro com a bandeira nacional hasteada.

Foto 1 – Grupo Escolar Municipal Carlos Gomes – comemoração cívica.

¹¹ Ata de Instalação de 19 de abril de 1943. Disponível no AHMJSa.

¹² A escola trocou seu nome para Grupo Escolar Municipal Carlos Gomes.



Autoria: Studio Geremia. Acervo: AHMJSA. Data: década de 1940.

Em uma entrevista¹³ com Estra Boff Tessari, que foi professora desta instituição de 1930 a 1941, encontramos o seguinte depoimento:

A Escola de São Romédio era bem grande, com dependências para a moradia da professora.[...] O prédio da escola era particular, os alunos tinham que pagar dois mil réis anuais de aluguel cada aluno e comprar o material necessário.

Como esta docente trabalhou por onze anos nesta instituição, existe a probabilidade que seu depoimento possa estar relacionado a um possível imóvel anterior ao da imagem. Porém, a imagem nos apresenta um prédio muito amplo comparado a quantidade de alunos que se encontram na foto, existindo a possibilidade de dependência para a moradia de professor.

Outra imagem que encontramos no AHMJSA é de um Grupo Escolar Municipal no momento do recreio (foto 2). O prédio feito em madeira apresenta cinco janelas frontais e uma na lateral, ao lado da porta há um pequeno letreiro com a descrição de Grupo Escolar Municipal, também na fachada, acima de uma das janelas há um mastro, além disso, muitas crianças brincam no pátio.

¹³ Esta entrevista faz parte do Banco de Memória do AHMJSA. A professora Estra Boff Tessari trabalhou nesta escola de 1930 a 1941.

Foto 2 – Grupo Escolar Municipal – hora do recreio



Autoria: Studio Geremia. Acervo: AHMISA. Data: década de 1940.

Na imagem abaixo, temos o Grupo Escolar Municipal de Fazenda Souza, também construído em madeira, porém o que diferencia das instituições anteriores, são os dois andares, com duas janelas em cada andar e a porta frontal; próximo as janelas superiores há um mastro com a bandeira, além de crianças há diversos adultos. A foto trata da inauguração do prédio realizada no dia 03 de abril de 1940.

Foto 3 – Grupo Escolar Municipal de Fazenda Souza - inauguração



Autoria: Studio Geremia. Acervo: AHMISA. Data: 03/04/1940.

Com relação ao destaque urbano que o autor Bencostta evidencia em sua citação anterior, não nos parece muito realçada no caso dos Grupos Municipais Escolares. Se compararmos os Grupos Escolares da Rede Estadual de Ensino aos da Rede Municipal de Ensino, que foram construídos na cidade de Caxias do Sul na época, os Estaduais apresentam grandiosidade e beleza muito superior aos Municipais. Talvez uma das explicações para isso seja o fato de que os Grupos Escolares Municipais não estavam muito destacados na paisagem urbana da cidade, como os Grupos Estaduais.

Outro tipo de prédio escolar que encontramos registro é de uma escola que funcionava em uma residência, “[...] compareceu em casa do Sr. Luiz Boff, situada no travessão Henrique D’avila, 4º Distrito de Caxias, onde funciona a aula municipal regida pela professora Srt^a Ermelinda Rech [...]”.¹⁴

Enfim, não há como estabelecer uma descrição física sobre as escolas municipais em funcionamento durante 1937 e 1945, pois cada tinha sua particularidade. Umas construídas de

¹⁴ Ata de Exames Finais de 18 de dezembro de 1939. Localiza-se no AHMISA através da documentação da Escola Municipal Osvaldo Cruz.

madeira outra de alvenaria, uma com dois andares outras com somente um, em prédio próprio ou improvisado, com dependência para o docente ou não. Mas um ponto oportuno de destacar está nos pátios. Por meio das Atas, em diversos momentos encontramos a descrição de “*No pátio da escola foram apresentados exercícios físicos e jogos*”¹⁵, o que nos leva a sugerir que se não todas, mas a maior parte das escolas apresentava pátios para recreio, ginástica e jogos.

Outro item que merece ser comentado é com relação ao jardim, na Circular nº 6 de 30 de abril de 1942, a Administração Municipal instruíu os professores de que não era próprio canteiros improvisados e “*Aconselha-se algumas flores bem dispostas e um jardim em realidade, pois, contribuem para despertar na criança o amor à natureza e respeito às plantas.*” Mesmo com tal orientação, em nenhum momento de nossa pesquisa encontramos evidências de jardins. Único ponto relacionado às plantas são as visitas à horta da escola descritas em Atas.

A leitura da tese de Tarcísio Mauro Vago que trata da cultura escolar no ensino público primário de Belo Horizonte, em um período anterior ao nosso estudo, chama atenção para mais um item que pode ser relacionado com o espaço escolar. Trata-se dos muros nas escolas. Segundo o autor os muros nas escolas, em Belo Horizonte, foram construídos para que os alunos não fugissem das aulas (VAGO, 1999). Em nossa pesquisa não encontramos qualquer referências a muros ou cercas nas escolas, nem tampouco de crianças que fugiam das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi citado anteriormente, este artigo faz parte de um projeto maior, a construção de uma dissertação. Ao terminar esta etapa, que será vinculada ao restante do estudo, inúmeras considerações podem ser relacionadas, mas que não deixaria de ser considerações reescritas

¹⁵ Ata de 10 de dezembro de 1944 da Escola Municipal Visconde de Ouro Preto.

daquilo que já foi mencionado nos itens anteriores. Então, nossos comentários finais estarão relacionados à citação a seguir.

A materialidade da escola tem significado para a identidade institucional e para a sociedade, para os moradores das cercanias do prédio escolar. Implica na vida dos moradores da cidade, mesmo que estes não tenham estudado, trabalhado ou enviado seus filhos e netos para aquele estabelecimento de ensino. À cidade como um todo pertence a escola e, portanto, a preservação da memória de instituições escolares está (*sic*) afeta ao ambiente no qual a escola se insere, às ruas e demais prédios, à vizinhança, bairro. (WERLE; BRITTO; COLAU, 2007, p. 160).

A pesquisa em história leva a um intrigante conflito de ideias, a comparação do antigo com o novo dificilmente pode ser dispensada, ou até mesmo separada. Podem ser alteradas as estruturas, os ambientes, a arquitetura, mas o processo educativo tem dificuldade em mudar. Os atuais educadores aprenderam de educadores mais antigos e os resquícios na tradição são naturais. Por isso, se torna necessário enxergar o passado no seu aspecto positivo e negativo, utilizando as coisas bem-sucedidas e transformando os aspectos negativos em ambientes mais eficazes para a aprendizagem do estudante.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

CAXIAS DO SUL. Dados referentes ao Município de Caxias – Habitantes. 1938. Folha avulsa e sem referência.

Circulares. Fazem parte do acervo da Escola Municipal Vitório Rech II.

Entrevista de Alice Gasperin. Disponível no Banco de Memória do AHMJSA.

Entrevista de Estra Boff Tessari. Disponível no Banco de Memória do AHMJSA.

Livro de Atas (1938-1958) da Escola Municipal Osvaldo Cruz.

Livro de Atas (1941-1965) da Escola Municipal São João Batista.

Livro de Atas (abril de 1943 a julho de 1963) do Grupo Escolar Municipal Nossa Senhora do Pedancino.

Livro de Atas de Comemoração e de Encerramento dos Anos Letivos (1942-1957) do Grupo Escolar Municipal Carlos Gomes.

Livro de Atas e Inspeção (1944-1963) da Escola Municipal Isolada Felipe dos Santos.

Livro de Registro de Atas (1935-1963) da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Dezenove de Abril.

Livro de Registro de Atas (1941-1960) da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Rui Barbosa.

Livro de Registro de Atas (1942-1966) da Escola Municipal Diogo Feijó.

Livro de Registro de Atas (1943-1966) da Escola Municipal Visconde de Ouro Preto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e Espaço Escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.).

História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar. São Paulo: Cortez, 2005.

DALLA VECCHIA, Marisa Formolo; HERÉDIA, Vânia Merlotti; RAMOS, Felisberta.

Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Ensino da escrita e escolarização dos corpos: uma perspectiva histórica. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (org.). **Modos de ler/formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Mai./Jun./Jul./Ago. nº 14, 2000.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. **Processo de Industrialização da Zona Colonial Italiana**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

NÓVOA, António. **As organizações escolares em análise**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PERES, Eliane Teresinha. **Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir a escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública primária gaúcha (1909-1959)**. Belo Horizonte: UFMG. Faculdade de Educação, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Higiene e higienismo entre o Império e a República. DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Marcia (org.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura Escolar, Cultivo de Corpos: educação física e gymnastica como práticas construtivas de corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte – 1897-1920**. São Paulo: USP. Faculdade de Educação, 1999.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá. COLAU, Cinthia Merlo. Espaço Escolar e História das Instituições Escolares. **Revista Diálogo Educacional**, v. 7, n. 22, p. 147-163, set./dez, 2007. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php>

